

Serviço Social em Debate: globalização, capitalismo e reflexões para a sociedade

Social Welfare in Debate: globalization, capitalism and reflections for society

Glênia Rouse da Costa¹. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Faculdade do Vale do Jaguaribe, FVJ.
E-mail: gleniarouse@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho apresenta as contradições e tensões da sociedade diante da globalização, produtora de uma série de acontecimentos que leva à ampliação do capitalismo como modo de produção e maneira de operar o desenvolvimento econômico, social e político de certas sociedades, um processo ainda extenso, que envolve vários países e suas particularidades, como o regime político, econômico e cultural, classes sociais e civilizações, investigando de que maneira essa relação vai alterar o modo de viver, comer, se divertir, a música, enfim, a cultura de um modo geral. Esse artigo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica em autores que trabalhavam a temática.

Palavras-chave: Globalização. Desenvolvimento econômico. Contradições.

Abstract

This paper presents the contradictions and tensions of society in the face of globalization, producer of a series of events that leads to the expansion of capitalism as a mode of production and way of operating the economic, social and political development of certain societies, still a long process, involving several countries and their peculiarities, as the political, economic and cultural system, social classes and civilizations, investigating and how this relationship will change the way of living, eating, having fun, the music, in short, the culture in general. This paper was developed through a literature search on authors who worked the theme.

Keywords: Globalization. Economic development. Contradictions.

1 Introdução

O referido artigo tem como fim expor o desenvolvimento da globalização e suas diversidades, bem como o modo como essas diferenças atuam no meio social, político e cultural de uma nação ou entre as nações, uma vez que o assunto repercute em todo o planeta, modificando a maneira de agir e pensar dos indivíduos, as relações sociais de trabalho, a cultura de um povo, enfim, as particularidades de cada região, que se misturam a outras para dar a conhecer os benefícios ou malefícios dela resultantes para esse povo.

2 A globalização do capitalismo

A internacionalização do capitalismo atinge, hoje, quase todo o planeta, seja pela expansão das empresas multinacionais, seja pelo processo de informatização, que

¹ Autora correspondente. Artigo recebido 06 de abril de 2014. Aprovado em 15 de maio de 2014. Avaliado pelo sistema *double blind review*.

colocou milhões de pessoas em contato por meio de redes de computadores, seja pela abertura das economias nacionais ao mercado internacional, seja pela ação do capital financeiro, que realiza investimentos no mercado de capitais de todos os países. Esse novo processo é chamado de globalização.

A globalização ou mundialização é um fenômeno basicamente econômico, marcado pela universalização do capital, que marca um “novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial” (IANNI, 1997, p. 7). Esse fenômeno gera transformações políticas, econômicas e sociais e culturais entre as nações do mundo.

Aos poucos se percebe que não existem barreiras entre as nações. As relações políticas e sociais que existiam entre as grandes potências mundiais e os países subdesenvolvidos modificam-se na medida em que começam a transpor as barreiras comerciais para que as grandes empresas instalem-se nos mais diferentes países. Para que o capital circule livremente, existe a necessidade de se eliminar essas barreiras comerciais.

O surgimento dos grandes “blocos de poder” que integram os blocos econômicos - Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), Organização Mundial do Comércio (OMC), G8 consolidaram nações para que ocorresse uma maior abertura do mercado capitalista, gerando novas formas de produção. Segundo Ianni (1997),

Está em curso novo surto de universalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. (p. 10).

As grandes empresas transnacionais com tecnologia desenvolvida se instalam nos países subdesenvolvidos procurando mão de obra barata, matéria-prima e mercado consumidor disposto a comprar seus produtos. A divisão internacional do trabalho decorre das novas relações comerciais e “envolve a redistribuição das empresas, corporações e conglomerados por todo o mundo” (IANNI, 1997, p31.).

Portanto, os grandes centros comerciais e financeiros, antes encontrados somente nos países desenvolvidos, começam a funcionar também nos diversos países. Ao mesmo tempo, por força das novas exigências de mercado, as empresas começam a modificar seu padrão de organização, como observa Ianni:

O fordismo como padrão de organização do trabalho e produção, passa a combinar-se com ou ser substituído pela flexibilização dos processos de trabalho e produção, um padrão mais sensível às novas exigências do mercado mundial, combinando produtividade, capacidade de inovação e competitividade. (IANNI, 1997, p. 11).

A nova divisão transnacional do trabalho exige novos tipos de trabalhadores com categorias e especialidades diferentes em todo o mundo formando o que Ianni chama de “imensa fábrica global”.

A regionalização, nos seus aspectos políticos, movidos pelos acordos entre os estados-nação tende à fragmentação, por sua tendência à valorização do capital das grandes empresas, agravando as “convergências e as tensões entre nacionalismo, regionalismo e globalismo” (IANNI, 1997, p. 14-15).

3 A questão ecológica: devastação da natureza em prol do progresso

Os avanços conquistados pelo homem são inegáveis, mas muitos deles penalizaram severamente o planeta, que teve seus rios e o ar poluídos, florestas devastadas, animais extintos, e sofre, ora sob o efeito de inundações, ora de secas, entre outras agressões. Vale ressaltar que não se entende que a preservação do planeta requeira a estagnação do progresso, mas uma conciliação inteligente desta com o desenvolvimento.

O processo europeu de expansão comercial e política foi um fator de disseminação de variedades de plantas e animais, iniciando o que se poderia chamar de processo de globalização da natureza, resultando, entre outros benefícios, na criação dos vários jardins botânicos e zoológicos que enchem os olhos dos turistas e nativos na atualidade. Contraditoriamente, a mesma colonização que aumenta a biodiversidade por onde passa, distribuindo plantas e animais que seriam a base da alimentação das novas sociedades em construção, aumenta, também, a diversidade de microorganismos letais à saúde. Nesse contexto, um desenvolvimento, para que possa ser considerado sustentável, precisa atender às necessidades básicas de todos e oferecer-lhes a oportunidade de realizar suas aspirações de uma vida melhor, o que implica, dentre outros aspectos, a adoção de certos cuidados no manuseio adequado do meio ambiente.

Para Ferry (1994), o homem pode e deve modificar a natureza, assim como pode e deve protegê-la. A sociedade capitalista é a sociedade do mercado por excelência. No modo de produção capitalista o homem está separado de si próprio, de sua própria natureza. Ele existe não enquanto homem, mas enquanto produtor-consumidor. As relações humanas tornam-se eminentemente materiais, e a grande desgraça na contemporaneidade é não pertencer ao mundo mágico das mercadorias, o que ocorre com milhões e milhões de pessoas atualmente, que se encontram abaixo de qualquer noção de civilidade. Isso porque, na sociedade capitalista, impera a subordinação do trabalhador ao capital, iniciada pela própria afirmação de sua ordem.

O trabalhador vai se negar, no capitalismo, pela sua expulsão relativa do processo produtivo, determinada pelas mudanças na composição orgânica do capital; ao mesmo tempo, vai se afirmar quando se torna consumidor, consolidando a expansão da economia de mercado.

Segundo Bernardo (1979), a corrente ecológica centra-se na “administração do consumo” porque tem como função perpetuar as condições sociais de exploração. Por isso,

A elite dos gestores que encabeça as correntes ecológicas tece o elogio de formas de exploração pré-capitalistas, delas pretendendo reproduzir os hábitos de vida e o nível de consumo. Supremo cinismo, só igualado pelos capitalistas de outrora, quando o escravo era apontado ao proletário como exemplo de obediência, padrão do consumo, modelo de virtudes. (BERNARDO, 1979, p. 177).

De modo geral, para os expoentes da sustentabilidade, baseada na harmonia homem-natureza, a luta pela preservação ambiental é a luta das lutas, porque o que está em jogo é a sobrevivência da própria espécie humana. No trabalho, o homem põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando, assim, sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua natureza.

É verdade que todas as sociedades anteriores ao capitalismo se serviram da natureza, nem sempre de maneira respeitosa em relação a seus ritmos de reprodução, sendo as florestas as que mais sofreram com os ataques e a depredação dos povos agricultores e a expansão das cidades. Porém é também verdade que a sociedade capitalista, com seu sistema produtivo industrial, é a única que tem causado estragos na natureza em nível global e a primeira que tem exposto concretamente a humanidade ao perigo. O sistema de produção industrial, por ser o mais eficiente e lucrativo, se torna rapidamente a própria expressão da evolução capitalista e, ideologicamente por extensão, do progresso da humanidade. A expansão global da indústria acontece pela dominação desta sobre qualquer outro sistema produtivo e pela destruição de qualquer outra forma de vida produtiva não capitalista com que entra em contato.

4 A globalização e a questão social

O avanço da tecnologia nas telecomunicações e nos meios de transportes facilitou o contato entre os povos, favorecendo também o intercâmbio político, econômico e cultural entre os países. Destaca-se entre esses avanços a Internet, importante meio de comunicação que está se tornando cada vez mais popular e que contribui para a “desterritorialização de coisas, gentes e idéias” (IANNI, 1997, p.). Dessa forma, a grande circulação de informações, mercadorias e pessoas que formam valores que se tornam globais e padronizam forma de trabalho, produção e consumo chama-se sociedade global.

Vale ressaltar que a globalização não beneficia a todos; existe um grande contingente de pessoas excluídas do mercado de trabalho por falta de oportunidade e qualificação. Segundo Iamamoto (2008):

A mundialização do capital tem profundas repercussões na órbita das políticas públicas, com suas conhecidas diretrizes de focalização, descentralização, desfinanciamento e regressão do legado dos direitos do trabalho. Esse cenário avesso aos direitos nos interpela. Atesta, contraditoriamente, a urgência do seu debate e de lutas em sua defesa, em uma época que descentralizou a cidadania ao associá-la ao consumo, ao mundo do dinheiro e à posse das mercadorias. (p. 118).

A defesa da cidadania repercute no cenário mundial e exige a interferência do Estado na garantia de direitos. Diante de toda essa instabilidade e contraditoriedade ocorrem manifestações da questão social², que ganha proporções mundiais diante do agravamento das desigualdades sociais, expressões de luta por direitos em todos os aspectos. Para Iamamoto,

[...] a luta pela afirmação dos direitos é hoje também uma luta contra o capital, [forma de] desenvolvimento social, que possa vir a contemplar o desenvolvimento de cada um e de todos os indivíduos sociais. Esses são, também, dilemas do Serviço Social. (IAMAMOTO, 1999 p.118-119).

² Segundo Iamamoto (1999, p. 27), a Questão Social pode ser definida como: O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade.

Para o serviço social, profissão inserida no contexto capital-trabalho, existe um chamado para a consciência dos indivíduos no que se refere aos seus direitos como cidadãos do mundo na luta contra as desigualdades.

5 Movimento antiglobalização: cidadãos pela justiça global

Os movimentos antiglobalização surgiram em todo o cenário mundial em razão das consequências negativas da globalização, que atingiram a sociedade de todos os países. Os movimentos antiglobalização buscam soluções alternativas para os problemas sociais e a própria preservação do planeta, lutam contra a destruição da natureza, e suas ações são motivadas pela solidariedade.

Os movimentos têm como conteúdo de debate o modo de vista capitalista ocidental moderno e seus efeitos destrutivos sobre a natureza (humana, animal e vegetal). Nesse sentido, criticam as multinacionais, que conquistaram tanto poder que estão dando forma ao mundo segundo seus interesses econômicos. Os governos dos países ricos defendem seus interesses econômicos, principalmente a expansão desses conglomerados multinacionais.

Os protestos dos movimentos antiglobalização denunciam as contradições existentes entre a voracidade da globalização econômica no plano das nações e seus mercados, e os efeitos destrutivos da globalização no plano cultural, em nível local. Esses movimentos se tornaram mais visíveis quando, no final do século XX, a OMC³ organizou em Seattle (EUA) a “Rodada do Milênio” para discutir as perspectivas do comércio internacional para o século XXI, com representantes do governo de 130 países. Diversas organizações da sociedade civil, a exemplo das Organizações Não Governamentais (ONGs), sindicatos, ambientalistas e estudantes promoveram uma grande manifestação contra o evento; a partir de então, qualquer encontro da OMC ou de países ricos virou ponto de encontro dos movimentos antiglobalização.

Esses movimentos têm várias preocupações e defendem propostas muito diferentes e até divergentes, uma vez que se distribuem em algumas categorias. Assim, existem os ambientalistas, preocupados com os grandes problemas ambientais; os reformistas, que lutam por uma globalização mais humana; os sindicalistas, cujo foco consiste nos direitos dos trabalhadores; os nacionalistas, que postulam maior defesa do mercado nacional; os indígenas, que lutam contra a discriminação; e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁴, que luta pela reforma agrária.

Na verdade, não se pode falar de existência real de um movimento antiglobalização e sim de uma série de movimentos que se unem em torno de um lema comum. É verdadeiro afirmar que a bandeira central do movimento são questões comerciais entre os países, razão pela qual formularam propostas sobre a dívida externa dos países pobres (pedindo seu perdão) e a democratização dos processos de decisão das agências financeiras multilaterais.

Um dos pontos principais do movimento antiglobalização é a crítica que profere à “cultura do lucro”, defendendo sua substituição pela cultura do ser humano com direito à vida; por uma sociedade ética, que respeite os direitos humanos fundamentais. Em sua filosofia, o homem precisa valorizar as relações entre os indivíduos e não entre as “coisas”, entendendo que o respeito às pessoas seja sempre garantido, independentemente da sua classe social.

³ Organização Mundial do Comércio.

⁴ Trata-se do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, que lutam pela reforma agrária e a justiça social.

Vale ressaltar que o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que ocorreu pela primeira vez em 2001, marcou a presença do Brasil nos movimentos antiglobalização e representou o primeiro passo na elaboração de uma pauta de discussão contemplando propostas voltadas para a melhoria da qualidade de vida da sociedade globalizada.

6 Considerações finais

Em tempos de Internet, evidencia-se a diminuição dos limites entre as nações, o que interfere, também, na sua cultura. Vive-se com a sensação de que o mundo “encolheu”. Vários problemas decorrem desse fenômeno, a exemplo da precarização do trabalho, no aspecto social, a interferência na cultura, já mencionada, e, por último, a crise ecológica, causada pela exploração desenfreada da natureza pelas grandes empresas multinacionais, principalmente nos países menos desenvolvidos.

O constante desenvolvimento da globalização mediante a rápida evolução da tecnologia é de extrema importância para o sistema capitalista, no qual as transações comerciais e financeiras acontecem em tempo real, permitindo uma maior integração em todo o mundo, pois o que interessa à globalização é a perspectiva da evolução tecnológica transformando o mundo da cultura e do trabalho.

No entanto, não se pode deixar de perceber que a globalização leva ao desemprego das classes menos favorecidas, situação agravada devido à reestruturação das empresas com o serviço de automação no lugar da mão de obra humana.

Em síntese, a globalização significa o surgimento de novas oportunidades em várias áreas que exigem conhecimento científico e tecnológico, nas quais somente os mais qualificados profissionalmente podem se encaixar, deixando, no entanto, os que não possuem instrução ou pouca qualificação à mercê do desemprego, em um mundo totalmente capitalista onde só vale quem tem, quem possa contribuir com lucros para o sistema.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, João. **O inimigo oculto**: ensaio sobre a luta de classes - Manifesto anti-ecológico. Porto: Afrontamento, 1979.
- FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**. São Paulo: Ensaio, 1994.
- IAMAMOTO, Marilda V. Mundialização do capital, “questão social” e serviço social no Brasil. **Revista em pauta**, nº 21, p. 117-139, 2008. Disponível em: <<http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/8j7F236BNGDj5r5811Ax.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2009.
- _____. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- IANNI, Octávio. **A Era do Globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.